



GEOGRAFIA

I — ALGUMAS IMPRESSÕES SÔBRE O JAPÃO

ERNESTO DE MELLO BAPTISTA

Capitão-de-Mar-e-Guerra

NO CAMINHO DO PROGRESSO

Há apenas um século que o Japão abriu francamente suas portas ao Ocidente. Desde então, seu progresso como fervoroso adepto da civilização ocidental tem sido notável. Hoje, treze anos após sua completa derrota na II Guerra Mundial, é incontestável que o Japão é o país mais industrializado no Extremo Oriente, ou melhor, em todo o continente asiático.

Há muitos pontos nos quais o Japão e o nosso país acham-se em antítese — na geografia, na cultura, na história, e assim por diante. Além de estar situado no hemisfério oposto, seu território equivale a um vigésimo do Brasil, enquanto que sua população é uma vez e meia maior do que a nossa. Para fazer as coisas piores, essa estreita terra é tornada ainda mais estreita por extensas regiões montanhosas, de sorte que sómente 14,8% da área total do país é arável (13.343.000 acres). Se se comparar com a Grã-Bretanha (243.428 km²), por exemplo, que é menor do que o Japão (369.664 km²) em área, mas tem muito elevada percentagem de terra cultivável, notar-se-á facilmente a superconcentração de população na área habitável do Japão. O solo é pobre em matérias-primas e a natureza é adversa, sujeito aos freqüentes terremotos e tufões.

Sob tais condições desfavoráveis, é natural indagar-se, como pôde o Japão alçar-se à sua presente posição entre os países mais desenvolvidos dc mundo?

Tanto quanto pude perceber em dois anos e meio de estada nesse país, o fator mais responsável por esse adiantamento está, eu penso, em seu próprio povo, que é, fora de dúvida, o único recurso que o Japão tem em abundância. Assim digo porque julgo que o admirável progresso do Japão é devido aos seguintes atributos de seu povo.

Atividade

Dentre todos os povos asiáticos, penso que o japonês pode reivindicar o título de o mais diligente. Muitos viajantes estrangeiros concordam que Tóquio é a cidade de maior atividade na Ásia; não apenas em Tóquio, mas por toda a parte no país, quer nas fábricas quer no campo pode-se ver o japonês trabalhar intensamente, dia e noite, mesmo aos domingos. No estaleiro, onde observei por longo tempo, a sobra do tempo do almoço todos utilizam-na em esporte, mantém-se sempre em atividade, nada de descansar; nada de exercitar a preguiça. A gente é, de fato, aplicada ao duro e intenso labor.

Solidariedade coletiva

Conquanto não tão cônscios quanto os alemães, os japonêses caracterizam-se pelo espírito de coletividade altamente desenvolvido e pela disposição para sacrificarem o prazer pessoal em benefício da comunidade.

Eles parecem contentes com o seu modo de viver oriental, algo humilde, de pequena diferença entre o rico e o pobre. O padrão de vida é baixo em comparação com o das nações ocidentais, embora o país esteja ficando mais e mais ocidentalizado e esteja em nível bem acima dos demais povos da Ásia. Mesmo a gente bem dotada não leva uma vida tão luxuosa como os nossos compatriotas, e o grande público é sábio bastante para usufruir a vida dentro dos limites de sua renda, aproveitando baratos, não obstante agradáveis, meios de recreação, — como sejam os encantos da natureza — a montanha, os parques, a primavera em flor, a praia — as instituições de uso coletivo — museus, aquários, exposições, mostras, inaugurações, etc. Deste modo, o japonês está capacitado para utilizar seu escasso capital, poupado através de modesto uso dos bens de consumo, para o melhoramento e adiantamento da comunidade. Obras públicas, edificações e serviços públicos, são sóbrios de sorte que o custo de construção e o de manutenção permitem-no operá-los a baixo preço, o que os torna acessíveis ao grande público sequioso de educar-se nas universidades, nos teatros, — e de utilizar os meios de transporte, e assim por diante. O domicílio é pequenino, peças em reduzido número e para o uso versátil — de dia, um emprêgo, à noite, outro. Vendo-se uma casa grande, é certo: trata-se de uma escola.

Embora esse desprendimento patriótico, muito mais decantado na era do Imperador Meiji, tenha-se atenuado por efeito da tremenda derrota na Guerra do Pacífico (é o nome japonês para a II Guerra

Mundial), ainda assim, creio, existe nos dias de hoje em consequência da disposição hereditária do japonês para a simplicidade.

Alta educação

A existência efetiva da educação de nível fundamental, e da de nível mais alto, é um dos mais admiráveis feitos do Japão. Não obstante as sérias dificuldades do sistema de escrita que usam — caracteres chineses, ideográficos — demasiadamente complicado em número e natureza, e da língua, de caráter aglutinante, não há, praticamente falando, problema de analfabetismo entre os japonêses desde o tempo de Meiji. A educação é compulsória; na década de 1920 já 99% das crianças recebiam educação (instrução como nós dizemos) e após a II Guerra Mundial, a educação fundamental foi estendida de 6 para 9 anos. Consoante as estatísticas de 1952, já 99,7% das crianças usufruem essa educação fundamental.

É verdade que o alto padrão de instrução foi um dos principais fatores que geraram o rápido progresso que o Japão tem experimentado desde a Restauração do Imperador Meiji. Contudo, como a maioria do público japonês hoje percebe, já um pouco tarde, especialmente depois do choque produzido pelo sucesso soviético do "Sputnik" fundado na adiantada educação científica da Rússia, há um atraso no sistema educacional japonês. O fato é que, parece que a organização e o ensino presentemente em vigor nas universidades e colégios têm sido pouco modificados para atender às cambiantes necessidades da sociedade, desde o seu estabelecimento, há muitos anos atrás, aos dias de hoje. Isto deve ser dito, porém, não há como deixar de reconhecer que a repercussão universal daquele sucesso mostrou ser por toda a parte constatado esse atraso, sem excetuar mesmo os mais adiantados países do globo.

Senso de hierarquia

Nota-se por toda a parte o entranhado senso de hierarquia em toda gente. Nesta consideração não me refiro a organizações militares, pois Fôrças Armadas hoje não existem no Império do Sol Nascente, e, mesmo, minha convivência foi na indústria privada; minha observação recaiu sobre as pacíficas atividades do comércio e das relações sociais. Nas oficinas, nos escritórios, por toda a parte, nota-se a indiscutida preeminência dos que estão mais alto na escala de direção. Mesmo as damas, reverenciam-se entre si com absoluta observância da posição de seus esposos; o que nos mostra que realmente é natural... lá... essa concepção.

O princípio básico, penso eu, que governa a ética social na sociedade japonêsa é o da hierarquia. Este consiste na obediência do mais moderno ou subordinado para o mais antigo ou superior. Este fato, pode-se inferir facilmente da linguagem, que é o meio da ex-

pressão pelo qual o homem comunica ao meio exterior — a sociedade — o que seu cérebro concebe, isto é, o que ele sente e pensa.

Na língua japonêsa não há conjugação de verbos no sentido das línguas europeias, conforme o gênero, pessoa, etc. O único sucedâneo para essa função é o uso requintado de muitos términos honoríficos e muitas expressões sinônimas, graduadas em polidez e respeito, que empregam conforme a condição social do orador e do interlocutor.

Regularidade do clima

O clima no Japão é variado; no sul é tropical, no norte é muito frio. A chamada corrente do Japão torna a parte meridional mais aquecida do que a latitude indicaria; a corrente de Bhering, semelhantemente, esfria a parte setentrional do país. Há bastante precipitação pluviométrica, de sorte que o Japão pode produzir quase tudo que germina em localidades análogamente aquecidas. Há uma sucessão nitidamente caracterizada e regular das estações do ano, o que acarreta benéficos efeitos sobre a produção vegetal e animal e o apropriado ritmo das atividades humanas.

A INDÚSTRIA

Outrora os expansionistas militares japonêses procuravam justificar sua agressiva política insistindo em que, sem expansão territorial, o Japão seria inevitavelmente levado à falência por efeito de sua rapidamente crescente população.

Quando, todavia, o país, como resultado da Guerra do Pacífico, perdeu todos os seus territórios ultramarinos, o mundo viu que o Japão recuperou-se razoavelmente bem pelos pacíficos meios do comércio, da indústria e dos negócios.

A recuperação do Japão após a guerra foi rápida e notável. A despeito das condições mundiais, que não lhe foram sempre favoráveis, em setembro de 1956, sua atividade industrial elevava-se a mais do dôbro do nível de antes da guerra; o nível de consumo da população, nas áreas urbanas, subia a 6% acima da marca de pré-guerra e, nas áreas rurais a tanto quanto 30% acima. O Japão ocupou o mais alto lugar, no mundo, em construção naval, nos anos de 1956 e 1957, deslocando, na competição, a Grã-Bretanha e a Alemanha Ocidental para 2º e 3º lugares, embora pareça certo que este ano deixará essa honrosa posição. É fato, também que o Japão exporta grandes partidas de radio-transistores e automóveis para muitos países, inclusive para os Estados Unidos.

Infere-se, portanto, desses fatos que a estrutura industrial do país está evolucionando para um estágio de industrialização mais elevado. A essa transformação ele é impelido, e neste sentido emprega seu máximo esforço, para compensar o declínio em sua exportação de sêda crua — aquela era, no anteguerra, seu principal artigo de exportação — com produtos segundos e terceiros de sua indústria, tais como

navios, rádios, tecidos químicos, artefatos elétricos, plásticos, etc. Competir com países europeus no mercado internacional é empreendimento nada fácil para o Japão, considerando-se que sua carência de matérias primas fá-lo extremamente vulnerável às mínimas flutuações nas condições mundiais dos negócios. Mesmo assim, este é o único caminho aberto ao Japão, pois que o país depende vitalmente da exportação de sua produção manufatureira. E para sua sobrevivência econômica e política o Japão não dispõe de recursos outros, além do cérebro e das mãos de seus 90.000.000 de filhos, para nêles sustentar-se.

A despeito de seu notável adiantamento na industrialização, o mais importante fator na economia do Japão é a agricultura, na qual (incluindo a silvicultura) está empenhada mais de 40% do total da mão-de-obra do país. Graças à pressão da superpopulação o Japão pode-se considerar país de muito bons agricultores. Da técnica da policultura bem como da adiantada técnica de pesca, do Japão, estou certo de que muitas lições poderíamos colhêr.

O PÔVO E A CULTURA

O japonês comum que se encontra na rua, no escritório, ou em casa, nada tem daquele tipo cruel, bárbaro, que se vê no filme "anti-jap" da II Grande Guerra. Ele é de boa natureza, polido e amável, e um pouco acanhado no trato com os estrangeiros.

Entre todas as suas qualidades, uma das que mais aprecio é a polidez. Não sei se isto deve-se tão-somente ao meu limitado conhecimento pessoal ou à sua excessiva cortesia para com os estrangeiros, pois ouvi, por vezes, lastimar que os japonêssem tivessem perdido, desde a guerra, muito do seu afamado senso de polidez, particularmente em ocasiões tais como a da "hora de apanhar o trem".

Em relação à polidez, entretanto, alguns estrangeiros julgam a atitude japonêsa muito subserviente.

Quanto a mim, não posso aprovar tal ponto de vista. Em minha opinião, os japonêssem são um povo polido por natureza, porém seu senso de polidez é um pouco diferente do nosso. Nêles, é derivado da ética e das maneiras, tradicionais, que herdaram de seus antepassados, semifeudais ainda há pouco tempo; de sorte que é aplicável sómente a um círculo muito limitado de suas relações de conhecimento, tal como o de família ou de amigos íntimos. Fora dêsse círculo, o mesmo japonês polido torna-se outra pessoa, assumindo atitude indiferente e mesmo rude, por vezes, para com os estranhos.

Não tendo, destarte, costume estabelecido para o convívio geral e, por outro lado, faltando-lhe a experiência de sociedade (ao modo ocidental, é bem de ver), ele não está bem certo de como conduzir-se em público, "vis-a-vis" de pessoas e ambientes estranhos, em consequência do que ele mostra excessivas amabilidade e cortesia em uma ocasião e rude indiferença em outra, causando indesejado mal-enten-

dimento com estrangeiros. Tal é o meu entendimento dêsse estranho misto de polidez e indelicadeza observado no japonês médio.

Outra característica que notei no japonês é o seu amor pelos encantos da natureza. Admirava-me com freqüência de encontrar encantadora miniatura de paisagem em areia e pedra ou gracioso arranjo de flôres, artisticamente disposto em um inesperado recanto de movimentado estabelecimento comercial.

O mais tradicional e favorito motivo da pintura japonêsa não é a romântica cena de amor nem o erótico nu, mas sim o calmo e tranqüilo cenário da natureza. Isto é também verdadeiro em relação a outros ramos da cultura japonêsa, como se vê, por exemplo, nos poemetos Waka e Haiku de sua predileção, na cerimônia do chá, nos arranjos de flôres.

Para resumir, seu gôsto é sempre em favor do simples e do natural. Eles amam muito mais o delicado, elaborado com simplicidade, do que a exuberância e a magnificência artificiais, como bem o demonstram sua arquitetura, sua arte decorativa e, mesmo, sua culinária.

Em certo sentido, o Japão do presente é um cadinho da civilização mundial, onde os costumes e culturas de todo o mundo misturam-se ainda em caos. Alguns vêem isto com simpatia, outros com desgôsto; de qualquer modo, pelo menos em parte, é resultado do tradicional conservantismo japonês.

A seguinte explicação pode servir a este conceito. Os japonêses são bastante inteligentes para apreciar e aceitar uma inovação para benefício próprio, porém são algo tímidos, ou ainda imaturos, para inovarem éles próprios. Um dado modo de ver, uma vez fortemente estabelecido e tornado tradicional, poucos japonêses aventuraram-se a rompê-lo. Idéias estrangeiras, que nada têm a ver com as tradicionais barreiras, são mais facilmente aceitas do que as inovações nascidas em sua própria sociedade.

Assim é que o japonês tem-se contentado em ser um mero seguidor das principais correntes de civilização estrangeiras — outrora a civilização chinesa, agora a ocidental — fielmente conservando-a e aplicando-a, no que, em verdade, tem revelado, pelo menos agora, extraordinária capacidade — sem tentar jamais o papel dominante ou revolucionário na história da civilização mundial.

O JAPÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Em termos de equilíbrio de poder, penso que o Japão detém no Extremo Oriente uma posição chave semelhante a da Alemanha na Europa.

Com o súbito advento da China Continental, é agora manifesto que a Rússia Soviética, a China Comunista e o Japão serão as grandes potências, nessa região do mundo, nos próximos 10 anos ou mais; e

se o mundo livre deseja manter sua influência aí, terá que apoiar o Japão como base e fortaleza suas. Isto seria para benefício mútuo, tanto do Japão quanto do Ocidente.

Embora o Japão tenha tentado tornar-se a nação líder e dominante, não sómente no Extremo Oriente, mas também no Sueste da Ásia, hoje os próprios japonêses têm que admitir que o seu país continuará a ser o mais fraco dos três. É, portanto, proveitoso e necessário de sua parte, também, ter o apoio do Ocidente a fim de que êle possa manter-se a par com as outras duas poderosas potências.

Afortunadamente, o Japão é bem qualificado para uma aliança com o Ocidente a fim de desempenhar no futuro tão essencial papel. Isto porque, em primeiro lugar, como país mais ocidentalizado da Ásia que é, tem uma perfeita compreensão das nações ocidentais, e por nunca ter sofrido o impacto do colonialismo europeu não tem sérios motivos para ressentimentos, e, por outro lado, porque êle mantém funda simpatia para com os demais povos da Ásia. Em segundo lugar, em resultado da inculcação desde a era de Meiji, senão mesmo do conservantismo social, o grande público sente aversão ao Comunismo e a seus seguidores.

Nas últimas eleições gerais para a renovação da Dieta, realizadas na primavera de 1958, os conservadores conseguiram a maioria e o partido comunista conseguiu sómente um lugar entre 467 assentos; em Tóquio, porém, os socialistas obtiveram mais votos do que os conservadores. Na composição anterior da Dieta havia dois representantes comunistas.

Não é prudente, todavia, superestimar êste sentimento popular, pois quanto mais nova a geração, maior a simpatia pelas ideologias da esquerda. Deve-se recordar, também, a posição geográfica do Japão, a qual obrigou-o a passar muitos séculos em seu longo regime feudal, que estendeu-se até a restauração do Imperador Meiji, no terceiro quartel do Século XIX, sob a influência da civilização continental.

Há vinte anos atrás, o Japão correu para a extrema direita, em expansão nacionalista ou agressão capitalista, como quer que seja denominada. Hoje aquêles que estão próximos para suceder aos militaristas dos dias passados não são os oficiais das Fôrças de Auto-Defesa (o Japão hoje não tem Fôrças Armadas convencionais — Exército, Marinha, Aviação — e sim uma pequenina Fôrça de Auto-defesa) de aparência tão tímida, e sim os corifeus das uniões trabalhistas, que ora estão capacitados para, a seu bel-prazer, desferir um poderoso golpe em forma de greve geral; e ninguém pode estar seguro de que êsse país de considerável potência industrial não possa no futuro próximo passar para outro lado da cortina, mesmo a seu pesar, se fôr deixado lutando sózinho com suas dificuldades, sem a oportuna e efetiva ajuda do Ocidente.

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1958.